



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

### **A INFLUÊNCIA DA ANTROPOLOGIA E DA FIGURA DO ANTROPÓLOGO NO COMBATE À HOMOFOBIA**

Glacyanny Pires Alves Lira – Universidade Federal do Vale do São Francisco  
(UNIVASF)

“No começo era o sexo e o sexo estará no fim. O sexo, como característica do homem e da sociedade, sempre foi central e assim vai continuar a ser” (GOLDENWEISER, 1929 apud MOTT, 2007).

A Antropologia, historicamente, esteve relacionada às questões sexuais e de gênero. Heródoto, já no século V, foi apontado como autor da primeira teoria antropológica a respeito da sexualidade, que foi confirmada por George Murdock, um século e meio depois – essa teoria versava a respeito da relação entre temperatura do ambiente e maior propensão a práticas sexuais, sodomizando os espaços geográficos pelos climas.

Antropólogos, ao longo da história, foram responsáveis pela formulação de muitas das conjecturas a respeito da sexualidade humana, seus gêneros e subdivisões cabíveis – já que o feminino e o masculino, por si só, não exprimem em totalidade as multifacetadas condutas carnis, sendo necessária a análise dos gostos pessoais atrelados ao sexo, e além, a questão do desejo ligado ao sentir, ao que afeta o sujeito. E a Antropologia, em si, por estudar o homem e sua cultura – que interfere diretamente na expressão dos comportamentos sexuais, desejos e externalizações de preferências eróticas – esteve intrinsecamente ligada a tudo que cerne às relações interpessoais, afetivas e sexuais.

O ser humano responde aos estímulos culturais de formas diversas – tanto por sua complexidade neurofisiológica quanto por sua pluralidade de respostas à cultura que lhe é transmitida. Como é capaz de pensar, analisa e processa as informações com uma multiplicidade incrível, o que resulta em um comportamento polimorfo e distinto em cada



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

interpretação pessoal, em cada entendimento próprio, principalmente no que toca o imaginário e a questão da sexualidade. Comprova-se o exposto em:

Marshall Shallins, já em 1976, em sua contundente crítica à obra pioneira de Edward Wilson, *Sociobiology: The New Synthesis* (1975), chamou a atenção para “o equívoco de considerar a priori a sexualidade com um fato biológico, pois nenhuma satisfação pode ser obtida sem atos ou padrões socialmente definidos e contemplados, de acordo com um código simbólico, práticas sociais e propriedades culturais”. (SHALLINS, 1976 apud MOTT, 2007).

A maneira como as sociedades dispõem da cultura e dos costumes leva a diferentes respostas comportamentais, e “nada é mais essencialmente transmitido pelo processo social do que o aprendizado do comportamento sexual” (DOUGLAS, 1973, p.93). Esse comportamento foi analisando, durante os séculos, de diversas formas, a maioria delas preconceituosas e generalistas. Como em:

Na mesma época [século XIX], a medicina legal começava a desenhar o perfil do “antifísico”: um tipo humano relacionado a determinadas formas de animalidade, dentre as quais as relações homoeróticas. Imediatamente, a homossexualidade se tornava alvo de estudos clínicos. O homossexual não era mais um pecador, mas um doente, a quem era preciso tratar [...] a homossexualidade se devia a distúrbios psicológicos; originava-se da falta de “escapes normais”; atribuía-se à “criação moral imprópria” (DEL PRIORI, 2011, p. 95-96).

O comportamento e a cultura são fatores intimamente interligados, mas a resposta sexual ao padrão cultural seguido não é algo uniformizado, não segue um arquétipo rígido e unifatorial, apresentando-se diversamente de indivíduo para indivíduo. É esse o ponto alvo, se há diversas formas de agir e pensar, e o comportamento sexual não segue um molde geneticamente determinado, mas é influenciado por fatores externos (como convívio social e



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

práticas culturais) e internos (como questões psicológicas e hormonais) por que restringir os direitos humanos ao padronizado, tradicional e supostamente cabível?

É aí que a antropologia, na figura do antropólogo, entra como força motriz de um processo de combate ao preconceito com o socialmente diferente, com o que não é estandardizado, em especial no prélio contra a homofobia.

Há muito se vem lutando contra o convencionalismo de que a homossexualidade é fator excludente e leva diretamente ao preconceito e a intolerância – ao *sexismo* mesmo. A história prova que grandes nomes, homens e mulheres, homossexuais deixaram importantes contribuições, em diversas áreas do conhecimento; e outros tantos lutaram para que houvesse reconhecimento, para que fosse combatida qualquer repercussão homofóbica, e para que a liberdade de expressão e escolha – apesar de não sê-la – fosse respeitada.

Um fato propulsor dessa mudança de pensamento, e que incentivou essa tentativa de repelir o preconceito, foi a descoberta da Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida (do inglês, AIDS), conhecida como câncer gay, que matou muitos em pouquíssimo tempo, e mobilizou a comunidade científica em busca da cura da doença, ou ao menos de um controle para uma sobrevivência estável. Com o descobrimento desse mal, a exposição dos homossexuais foi inevitável, e a sociedade passou a conviver de perto com essa nova maneira de viver e amar. Esse convívio tanto aumentou a repulsa de alguns, quanto movimentou o ideológico dos antissexistas a irem à luta a favor do bem estar dos homossexuais, e de encontro a todo tipo de preconceito ligado ao gênero.

Exemplo dessa luta contra a homofobia é Luiz Mott, Professor Titular aposentado do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Bahia, homossexual assumido e militante dos direitos (civis e de expressão) relacionados à sexualidade – em especial à homossexualidade. Direitos esses que deveriam ser respeitados sem questionamentos, já que segundo a constituição todos são iguais perante a lei, e, como tais, deveriam ser tratados com equidade.

Mott começou a estudar sobre homofobia quando cursava seu Mestrado em Etnografia, na Sobornne, e seu orientador fê-lo entrar em contato com documentos, da década



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

de 70, favoráveis ao estudo do tema, que na época era chamado de homo-erectofobia. Deslanchou suas análises quando voltou ao Brasil, assumiu publicamente sua condição sexual e fundou o Grupo Gay da Bahia. Luiz Obteve diversas vitórias durante suas lutas contra o preconceito e o que circunda o tema, como se observa em:

Em seis anos, obtive a aprovação de sete moções por cinco diferentes associações científicas: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP) e Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). O que nos Estados Unidos foi resultado de duas décadas de militância de diferentes scholars gays, no Brasil, por falta de outros homossexuais acadêmicos assumidos, tenho a honra de ser autor único dessas pérolas preciosas. (MOTT, 2007)

Essas aprovações referem-se a: apoio a campanha nacional do movimento homossexual, oposição a qualquer lei ou código que rotule homossexualidade como patologia, legitimação de todas as expressões sexuais, acolhimento e incentivo da produção científica brasileira de pesquisas e trabalhos relativos à homossexualidade e oposição a todas as expressões de preconceito e discriminação contra os gays e lésbicas. Além de todos esses triunfos, duas admissões são consideradas de importância ímpar. São elas:

A Associação Brasileira de Estudos Populacionais declara-se contra todas as expressões de preconceito e discriminação de que são vítimas os homossexuais de ambos os sexos em nossa sociedade e apoia a campanha nacional de repúdio ao §302.0 da CID da OMS. (ABEP, 1984)

Considerando que o respeito ao princípio de alteridade é um dos alicerces da Antropologia, e da convivência harmoniosa entre os cidadãos, e que todas as diferentes orientações sexuais e organizações familiares devem gozar dos mesmos direitos e deveres garantidos por lei; a Associação Brasileira de Antropologia dá seu apoio oficial ao Projeto de Lei n.1151/95, de iniciativa da Deputada Marta Suplicy, que legaliza o Contrato de União Civil entre pessoas do mesmo sexo, estimulando



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura  
aos Parlamentares sua aprovação por representar um avanço indispensável aos  
direitos humanos universais (MOTT, 2003).

Vale salientar que o Brasil foi pioneiro quanto à retirada do sufixo *ismo* da palavra homossexualismo, por se tratar de representação patológica, o que de fato não o é, passando a adotar a palavra homossexualidade.

Muito foi feito para mudar a realidade preconceituosa e sexista, no Brasil e fora também. Uma grande evolução do pensamento pró-direito-homossexuais foi conseguida, e, conseqüentemente, algumas posturas e crenças foram modificadas, mas existe muito ainda por fazer. A mentalidade preconceituosa e cruel ainda assola a sociedade atual, absurda coisa a se constatar diante de uma minoria tão grande (corresponde a mais de dez por cento da população brasileira, por exemplo). Mas é possível que essa vil realidade seja modificada, e o antropólogo pode e deve entrar como forte impulso nessa tão importante peleja.

O reconhecimento da relação conjugal homoafetiva como união estável foi um grande passo dado a favor do combate à homofobia, mas há ainda muitos pontos fracos relacionados aos direitos dos homossexuais; a questão da adoção, por exemplo, é um fato que exclui e sensibiliza famílias *gays*, e muito se discute, mas ainda são raros os casos de adoção efetiva por casais homossexuais.

A antropologia vê o ser humano, seja qual for sua condição sexual, como ativo de sua condição pensante, como potencializador de sua *psiqué*. Então que o homem se faça ativamente participante também no que cerne ao outro e à sociedade, utilizando a cognição para o bem maior, e para que todos sejam igualmente tratados, para que o mal da homofobia seja repudiado, abolido e, realmente, criminalizado – já que a máquina jurídica que é taxativa quanto ao crime de homofobia é a mesma que cerra os olhos aos homicídios e à violência, de todo tipo, praticados contra homossexuais –, e para que a homossexualidade ou qualquer outra opção relacionada ao gênero seja respeitada, acima de qualquer opinião ou pré-conceito.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

### **Referências Bibliográficas**

DEL PRIORI, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

DOUGLAS, Mary. **Natural Symbols. Explorations in Cosmology**. New York: Pantheon Books, 1973. Disponível em:  
<[http://antropologias.descentro.org/files/downloads/2012/04/Mary-Douglas\\_\\_Natural\\_Symbols\\_\\_Explorations\\_in\\_Cosmology\\_\\_2nd\\_Edition.pdf](http://antropologias.descentro.org/files/downloads/2012/04/Mary-Douglas__Natural_Symbols__Explorations_in_Cosmology__2nd_Edition.pdf)> Acesso em: 24 abr. 2013.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

MOTT, Luiz. **Antropologia, teoria da sexualidade e direitos humanos dos homossexuais.** [S.l.], 2007. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.ufrn.br/index.php/bagoas/article/download/2252/1685>> Acesso em:  
16 abr. 2013.